

A AMAZÔNIA COMO ESPAÇO SIMBÓLICO EM *UN VIEJO QUE LEÍA NOVELAS DE AMOR*, DE LUÍS SEPÚLVEDA¹

AMAZON AS SYMBOLIC SPACE IN *UN VIEJO QUE LEÍA NOVELAS DE AMOR*, BY LUÍS SEPÚLVEDA

Patricia Lima da Silva²

RESUMO: A análise do romance *Un viejo que leía novelas de amor* (publicado em 1988), de Luís Sepúlveda, objetiva caracterizar a selva amazônica descrita no livro, bem como a ficção apresentada por meio dos romances como espaços simbólicos e de interação na narrativa. Para a realização da pesquisa, foram utilizados: os conceitos de espaço amazônico, a partir dos estudos de Pizarro (2006; 2012), assim como sua representação simbólica na narrativa, com base em Lefebvre (2019) e Figueiredo (2005); além dos conceitos de **utopia** e **heterotopia** de Foucault (2013). Por fim, pretendemos demonstrar que na obra de Sepúlveda a Amazônia funciona como espaço de interação, utilizando o conceito de entre-lugar, de Silvano Santiago (2000).

Palavras-chave: Amazônia. Espaço simbólico. Entre-lugar.

ABSTRACT: The analysis of the novel *Un viejo que leía novelas de amor* (published in 1988), by Luís Sepúlveda, aims to characterize the Amazonian jungle described in the book as well as the fiction presented through novels as symbolic spaces and interaction in the narrative. To perform the research, the concepts of Amazon space were used based on the studies of Pizarro (2006; 2012), as well as its symbolic representation in the narrative based on Lefebvre (2019) and Figueiredo (2005); also to the concepts of **utopia** and **heterotopia** of Foucault (2013). Finally, we intend to demonstrate that in the work of Sepúlveda, the Amazon works as a space of interaction, using the between-place concept of Silvano Santiago (2000).

Keywords: Amazon. Symbolic space. Between place.

¹ Artigo recebido em 22 de setembro de 2019 e aceito em 19 de novembro de 2019. Texto orientado pela Profa. Dra. Tatiana da Silva Capaverde (UFRR).

² Graduanda do Curso de Letras Português-Espanhol da UFRR.
E-mail: patricia.lima.00015@gmail.com



INTRODUÇÃO

Luís Sepúlveda, escritor, jornalista e ativista político chileno, nasceu na cidade de Ovalle, no ano de 1949. Atualmente, reside em Gijón, Espanha. Considerado um dos escritores latino-americanos mais lidos no mundo, Luís Sepúlveda vendeu milhões de cópias de suas obras, a mais conhecida, *Un viejo que leía novelas de amor*, foi traduzida para mais de 60 idiomas. O autor viajou e trabalhou em países como Brasil, Uruguai, Paraguai e Peru. Além disso, viveu no Equador junto com os índios Shuar, experiência retratada no livro.

Em 1988, Luís Sepúlveda publica o livro *Un viejo que leía novelas de amor*. Dividido em oito capítulos, o livro trata da história de Antonio José Bolívar Proaño, um velho de vida simples, casado com Dolores Encarnación del Santísimo Estupiñán Otálavo, que em busca de melhores condições de vida e na tentativa de ter filhos, mudou-se com ela para El Idílio, lugar localizado na América do Sul, mais precisamente na floresta amazônica. Devido às dificuldades de adaptação e doenças presentes no lugar, sua esposa morre tempos depois. Após esse ocorrido, Antonio Proaño passa a viver com os índios Shuar e torna-se um conhecedor da floresta amazônica. Para fugir do ambiente selvagem, o personagem lê romances, aos quais tem acesso por intermédio do dentista da região. Com a vinda de estrangeiros para praticar a caça, um deles mata um filhote de onça e a mãe do animal morto passa a ser temida pela comunidade. Inicia-se assim, a caça pela onça por alguns moradores da região. A narrativa tem seu ápice no momento em que o personagem António Proaño regressa para El Idílio e abate a onça que estava atacando os moradores.

Considerando a trama da obra e as representações nela contidas, o objetivo desse trabalho é analisar a selva amazônica descrita no livro, bem como a ficção apresentada por meio dos romances como espaços simbólicos, observando a composição espacial da obra, com foco analítico na selva e na ficção presente através dos romances lidos pelo personagem.

A AMAZÔNIA COMO ESPAÇO SIMBÓLICO

Segundo Pizarro (2012), o espaço amazônico é um espaço percebido como um lugar distante do desenvolvimento, apesar de ter sido um dos primeiros da América Latina a se modernizar, durante o período da borracha. Ela também salienta que a Amazônia



(...) revela formas de miscigenação cultural que não têm comparação no continente, assim como uma infinita diversidade de formas de vida humana e relações com a natureza, que nos permite imaginar polos de referência na visualização de um mundo no qual se possa recolocar o homem numa relação de equilíbrio com ela, no centro da ação humana. (PIZARRO, 2012, p. 20)

Conforme evidencia a citação acima, a Amazônia é composta por diversos grupos de pessoas (em grande parte indígenas) e diversas formas de vida. Segundo a mesma autora, o conceito de nação que se aplica a essa realidade é o de "nação no sentido figurado, de uma área cultural formada por oito países que compartilham referentes comuns, tendo como centro o rio e a selva" (PIZARRO, 2012, p. 18). Dessa forma, a Amazônia além de contar com as identidades de grupos locais de diferentes países, também tem a presença de migrantes dado o intenso fluxo de pessoas. Com esse contato de brancos e indígenas, podemos identificar diferentes traços identitários nos moradores, como é o caso de Antonio Proaño que possui traços de branco e devido ao seu contato com os índios Shuar, também possui costumes indígenas. Para a autora, "conhecer a Amazônia em seus traços identitários é uma forma de colaborar com sua auto-identificação" (PIZARRO, 2006, p. 101).

De acordo com Pizarro (2006), para o povo latino-americano, o espaço da Amazônia não é apenas de um reservatório ecológico, mas também um reservatório cultural que preenche o imaginário ocidental com suas lendas e mistérios, além de ser uma das áreas mais vastas que compreende oito países: Brasil, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Suriname e Guiana. Com suas riquezas míticas e materiais (como ouro, esmeraldas e diamantes), a Amazônia passa a conviver com expedições, principalmente espanholas e portuguesas, que contribuíram para sua multiculturalidade.

A Amazônia tem sua história colonial registrada nos relatos de expedições. Viajantes de diversos lugares desbravaram a Amazônia em busca da conquista de novas terras cercadas de mistérios, curiosidades e tesouros. Dentre os principais nomes que comandaram expedições por essa região estão: Francisco de Orellana (1542), Pedro de Úrsua (1560) e Charles-Marie De La Condamine (1735). Este último, em abril de 1735, foi designado pela Académie des Sciences para fazer uma expedição ao Peru com o objetivo de determinar com precisão o grau do arco do meridiano próximo à linha do equador e realizar outros estudos. Durante o processo de estudos da região, La Condamine expressou: "Eu me propunha a tornar útil essa viagem, com levantar uma carta desse rio, e recolher observações de todo gênero que tivesse ocasião de fazer num país tão pouco conhecido" (LA CONDAMINE, 2000, p. 40).



Além de fazer seus próprios relatos sobre a Amazônia, La Condamine também discorre sobre expedições anteriores que buscavam descobrir as lendas e mistérios dessa região, fazendo uma espécie de comparação. Observamos isso quando ele comenta a expedição de Orellana:

Comumente se crê que o primeiro europeu que fez o reconhecimento do rio das Amazonas foi Francisco d'Orellana. Ele embarcou bem perto de Quito, em 1539, no rio Coca, que mais abaixo toma o nome de Napo; deste ele veio ter a um outro maior, e, deixando-se derivar sem outro guia mais que a correnteza, chegou ao cabo Norte, na costa da Guiana, após uma viagem de 1.800 léguas (10.000 quilômetros) segundo seus cálculos. (...). O encontro que ele diz ter feito quando descia, de algumas mulheres armadas, das quais um cacique índio lhe tinha dito que desconfiasse, foi a origem do nome rio das Amazonas. Alguns lhe chamaram Orellana; mas antes já ele se chamava Marañón, do nome de um outro capitão espanhol. (LA CONDAMINE, 2000, p. 41-42)

La Condamine também se refere à expedição feita na região amazônica por Pedro de Úrsua, para assim mostrar como foi a expedição de Úrsua em relação à realizada por Francisco d'Orellana:

Em 1560, Pedro de Úrsua, enviado pelo vice-rei do Peru a procurar o famoso lago de Ouro de Parima, e a cidade de El Dorado, que se criam vizinhos das margens do Amazonas, chegou a este rio por um afluente que vem do lado do sul, de que falarei a seu tempo. O fim de Úrsua foi ainda mais trágico do que o de Orellana, seu predecessor. Úrsua pereceu às mãos de Aguirre, soldado rebelde que se fez proclamar um rei. Este desceu a seguir o rio, e depois de longa rota que não está ainda bem esclarecida, tendo levado a toda parte a morte e a pilhagem, acabou por ser esquartejado na ilha da Trindade. (LA CONDAMINE, 2000, p. 43)

As descrições da natureza exuberante e dos costumes bárbaros fazem parte dos relatos daqueles que se dedicavam a descrever as novas terras. Conforme Pizarro: "Durante muito tempo a importância de diversos mitos relacionados à barbárie impediu o surgimento de um olhar de natureza cultural (...)" (PIZARRO, 2012, p. 23). Tal afirmativa corrobora com a visão que temos da



Amazônia como um espaço selvagem que sublinha o imperativo natural sobre os costumes. A visão que temos do espaço amazônico advém da visão do outro, ou seja, por meio dos relatos das expedições temos conhecimento de como é constituído e simbolizado esse espaço. Os relatos fazem parte das primeiras construções desse imaginário, que, como poderemos constatar, refletem-se nas escritas até nossos dias.

Assim como os expedicionários descreviam a Amazônia como um lugar selvagem, o autor faz o mesmo em *Un viejo que leía novelas de amor*, corroborando com o imaginário que temos a partir dos relatos de expedições. Observamos essa visão de Sepúlveda quando o autor expõe o início da vida dos colonos na selva amazônica:

Isolados pelas chuvas, por aqueles vendavais que não conheciam, foram consumidos pelo desespero de saber que estavam condenados a esperar um milagre, contemplando a inundação incessante do rio e sua passagem arrastando troncos e animais inchados. Os primeiros colonos começaram a morrer. Alguns, por comer frutas desconhecidas; outros, atacados por febres rápidas e fulminantes; outros desapareceram na longa barriga de uma jiboia, que primeiro os envolvia, esmagando-os e depois os engolia em um processo longo e horripilante de ingestão.³ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 42)

Diante desse trecho, notamos a dificuldade de adaptação dos primeiros colonos ao espaço amazônico. Conforme Sepúlveda, eles “se sentiam perdidos (...). Queriam se vingar daquela região maldita, do inferno verde que os tirava o amor e os sonhos”⁴ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 43-44). Para esses recém-chegados habitantes, a Amazônia se mostrava um lugar de dificuldades. Além disso, a descrição que o autor faz dessa região transmite a imagem de um lugar distante e dificultoso. Assim, notamos que a Amazônia descrita pelos primeiros exploradores continua viva no imaginário e está em consonância com a Amazônia descrita pelo autor, pois em ambos os casos ela é retratada como lugar selvático.

³ “Aislados por las lluvias, por esos vendavales que no conocían, se consumían en la desesperación de saberse condenados a esperar un milagro, contemplando la incesante crecida del río y su paso arrastrando troncos y animales hinchados. Empezaron a morir los primeros colonos. Unos, por comer frutas desconocidas; otros, atacados por fiebres rápidas y fulminantes; otros desaparecían en la largada panza de una boa quebrantahuesos que primero los envolvía, los trituraba, y luego engullía en un prolongado y horrendo proceso de ingestión.” (Todas as citações da obra de Sepúlveda foram traduzidas pela autora deste artigo.)

⁴ “Se sentían perdidos (...). Querían vengarse de aquella región maldita, de ese infierno verde que le arrebatara el amor y los sueños.”



O conceito de espaço tem por definição primeira o campo da área das ciências exatas. A definição apresentada pelo Dicionário Aurélio nos remete ao viés físico sobre a noção de espaço, como é possível observar: “Distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados” (FERREIRA, 2009, p. 803). Tal definição também passou pela concepção filosófica, pois, segundo Kant, espaço “se vincula, a priori, à consciência (ao ‘sujeito’), à sua estrutura interna e ideal, portanto, transcendental, portanto, inapreensível em si” (LEFEBVRE, 2019, p. 19, ênfase no original).

Dentro da noção de espaço aplicado aos estudos literários temos o espaço social e o espaço simbólico (também nominado **espaço abstrato** ou **espaço representacional** em sentido aproximado). Por espaço social entendemos que ele “incorpora atos sociais, os de sujeitos ao mesmo tempo coletivos e individuais que nascem e morrem, padecem e agem” (LEFEBVRE, 2019, p. 59), ou seja, esse espaço está interligado com a sociedade, por meio de uma análise do meio social temos a constituição do espaço social.

A respeito do espaço simbólico podemos dizer que

(...) os *espaços de representação* apresentam (com ou sem código) simbolismos complexos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que eventualmente poder-se-ia definir não como código do espaço, mas como código dos espaços de representação. (LEFEBVRE, 2019, p. 59, ênfase no original)

Dessa forma, os espaços representacionais são espaços simbólicos, pois ultrapassam o mundo ou a vida social e apresentam códigos que projetam outra visão de mundo além do concreto. No livro do qual estamos tratando, Sepúlveda nos traz três espaços simbólicos. Primeiro, temos o que podemos chamar de **Amazônia dos índios**. Nesse espaço é retratada a selva de acordo com os costumes e tradições indígenas, os habitantes primários dessa região. Os índios Shuar são descritos na narrativa e suas complexas relações com a comunidade ribeirinha são retratadas na trama, como é possível perceber na passagem: “Havia uma enorme diferença entre um Shuar altivo e orgulhoso, conhecedor das regiões secretas amazônicas, e um jívaro, como os que se reuniam no cais de El Idilio esperando por um pouco de álcool”⁵ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 17). Esses índios mostram-se verdadeiros conhecedores da Amazônia, além de

⁵ “Había una enorme diferencia entre un Shuar altivo y orgulloso, conocedor de las secretas regiones amazónicas, y un jívaro, como los que se reunían en el muelle de El Idilio esperando por un resto de alcohol.”



manterem suas tradições. Para o personagem Antonio Proaño, a convivência que teve com os índios foi um dos principais fatores para a constituição de sua identidade, visto que por meio de tal convivência, o personagem passa a ter os mesmos costumes indígenas e torna-se conhecedor da Amazônia.

De acordo com Figueiredo (2005), a identidade cultural de um povo, por não estar ligada ao viés político de constituição do Estado-Nação, deve ser reconhecida a partir de aspectos como língua, valores e costumes. Observamos que Antonio Proaño reconheceu, aceitou e interiorizou a alma indígena. Ao ter contato com esse povo, o personagem passou a adotar seus costumes e a fazer parte daquela comunidade já que “aprendeu a língua Shuar participando com eles das caças. Eles caçavam antas (...). Aprendeu a usar a zarabatana, silenciosa e eficaz na caça, e a lança frente aos peixes velozes”⁶ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 44). Porém, temos que ressaltar que por mais que ele fosse aceito na tribo, ele efetivamente não era visto como um Shuar, mas sim como um homem branco. Assim, mesmo havendo uma identificação com o povo e sendo aceito por eles, Antonio Proaño continuava a ser visto como um estranho pelos nativos: “(...) definitivamente, era como um deles, mas não era um deles”⁷ (p. 50). Podemos observar no trecho abaixo outro momento que demonstra como o personagem era visto pelos indígenas:

Não era um deles, portanto, não podia ter esposas. Mas era como um deles, de modo que o Shuar anfitrião, durante a estação chuvosa, lhe pedia para aceitar uma de suas esposas, para maior orgulho de sua casta e de sua casa.⁸ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 52)

O segundo espaço presente na obra é o da **Amazônia dos ribeirinhos**, ou seja, a parte composta pelos habitantes colonos. O trecho abaixo descreve o momento da chegada de Antonio Proaño à região:

Depois de outra semana de viagem, desta vez em uma canoa, com os membros paralisados pela falta de movimento, chegaram a uma curva no rio. A única construção era uma

⁶ “Aprendió el idioma shuar participando con ellos de las cacerías. Cazaban dantas (...). Aprendió a valerse de la cerbatana, silenciosa y efectiva en la caza, y de la lanza frente a los veloces peces.”

⁷ “(...) en definitiva, era como uno de ellos, pero no era uno de ellos.”

⁸ “(...) No era uno de ellos y, por lo tanto, no podía tener esposas. Pero era como uno de ellos, de tal manera que el shuar anfitrión, durante la estación de las lluvias, le rogaba aceptar a una de sus mujeres para mayor orgullo de su casta y de su casa.”



enorme choça de calamina que usavam como escritório, armazém de sementes e ferramentas, e habitação dos colonos recém-chegados. Esse era El Idilio.⁹ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 41)

A descrição da cidade, portanto, é marcada pela presença das casas dos colonos além da precariedade das outras instalações. Aos poucos eles vão construindo casas e adaptando-se ao ambiente hostil. No entanto, o espaço do qual os ribeirinhos fazem parte é também habitado por um prefeito, representante do estado, e constantemente é frequentado por caçadores, representante dos forasteiros, constituindo assim um espaço que ao mesmo tempo busca se constituir enquanto nação e funciona como lugar fronteiro de deslocamentos e trânsitos.

O terceiro espaço que a narrativa apresenta é o que podemos chamar de **Amazônia Veneza**. Antonio Proaño era diferente do povo daquela região porque sabia ler, característica que também causava estranhamento, pois “Antonio José Bolívar Proaño lia novelas de amor, e em cada uma de suas viagens o dentista lhe provia de leituras”¹⁰ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 32). O dentista da região cada vez que regressava a El Idilio trazia novas leituras para o personagem. As suas preferidas eram as novelas de amor, já que o cenário de Veneza aguçava o imaginário de Bolívar Proaño, bem como o de outros colonos quando lia para eles. Passagens como esta: “Paul beijou-a apaixonadamente enquanto o gondoleiro, cúmplice das aventuras do seu amigo, simulava olhar em outra direção e a gôndola, com fofas almofadas, deslizava tranquilamente pelos canais venezianos”¹¹ (p. 113), provocavam questionamentos frente a descobertas de mundos desconhecidos, como é possível observar na passagem:

Mas eles não entendiam de forma alguma o mistério de uma cidade em que as pessoas precisavam de barcos para se locomover (...).

— Vai alguém saber se não chovia muito.

— Os rios saem do controle.

— Eles vivem mais molhados que nós. (...).

⁹ “Luego de otra semana de viaje, esta vez en canoa, con los miembros agarrotados por la falta de movimiento arribaron a un recodo del río. La única construcción era una enorme choza de calaminas que hacía de oficina, bodega de semillas y herramientas, y vivienda de los recién llegados colonos. Ese era El Idilio.”

¹⁰ “Antonio José Bolívar Proaño leía novelas de amor, y en cada uno de sus viajes el dentista le proveía de lectura.”

¹¹ “Paul la besó ardorosamente en tanto el gondolero, cómplice de las aventuras de su amigo, simulaba mirar en otra dirección, y la gôndola, provista de mullidos cojines, se deslizaba apaciblemente por los canales venecianos.”



— Para que saibam, Veneza é uma cidade construída em uma lagoa. E é na Itália.¹² (SEPÚLVEDA, 2000, p. 113-114)

Veneza, portanto, fazia parte do imaginário do personagem como uma espécie de fuga do ambiente selvagem que o cercava. Proaño idealizava e imaginava como seria essa cidade que abarcava as histórias de amor lidas por ele. Considerando o pensamento de Foucault, a partir de seu texto *De espaços outros*, resultado da conferência proferida em 1967, as chamadas **utopias** são

(...) as alocações sem lugar real. São as alocações que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou invertida. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade; mas, de toda forma, essas utopias são espaços fundamentalmente, essencialmente, irrealis. (FOUCAULT, 2013, p. 115)

Dessa forma, o personagem transforma Veneza em um espaço utópico quando no ato da leitura ele transforma o ambiente imaginado em algo perfeito e funcionando como uma fuga do ambiente conturbado em que vivia. Isso fica claro quando Antonio Proaño está em meio à selva durante a caça ao animal que ameaçava o povoado de El Idilio e tem a leitura como meio de fugir daquele ambiente: "O velho continuava na sua, sem se deixar perturbar pelo barulho áspero de pedra contra o aço, sussurrando palavras como se rezasse"¹³ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 112). Ou em outro momento: "No meio da tarde escureceu, e na luz taciturna da lamparina, ele retomou a leitura enquanto esperava, cercado pelo barulho da água que escorria pela folhagem"¹⁴ (p. 119). Notamos o quanto a espacialidade utópica faz-se presente na ficção na medida em que, por meio da leitura, o personagem expressa o desejo pelo irreal, isto é, um espaço de fuga e aperfeiçoamento da realidade, e como esse espaço não se consolida no ambiente real, tornando um espaço de desejo idealizado pelo personagem.

¹² "Pero el misterio de una ciudad en la que las gentes precisaban de botes para moverse no lo entendían de ninguna manera. (...).

— Vaya uno a saber si no tendrían mucha lluvia.

— O ríos que se salen de madre.

— Han de vivir más mojados que nosotros. (...).

— Para que sepan, Venecia es una ciudad construida en una laguna. Y está en Italia."

¹³ "El viejo seguía en lo suyo, sin dejarse importunar por el ruido áspero de la piedra contra el acero, musitando palabras como si rezara."

¹⁴ "A media tarde oscureció, y bajo la luz taciturna de la lámpara retomó la lectura mientras esperaba rodeado por los ruidos del agua deslizando entre el follaje."



AMAZÔNIA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO

Sepúlveda em sua narrativa explora os três espaços percorridos anteriormente, no entanto eles não são vistos de forma isolada, pois apresentam uma forte interligação. Temos, dessa forma, a Amazônia como espaço de interação. Segundo Mendes, a região amazônica é um local de “relações identitárias e transitórias, portanto marcadas pelo nomadismo sempre, que se deixam interpretar pela pluralidade de diversos cruzamentos culturais” (MENDES, citado em RITZEL, 2016, p. 33).

Ao tomar tal citação como referência, notamos que as relações de transição que acontecem entre os ambientes, que na obra se dá por meio do rio, da selva e da ficção, influenciam na constante construção da identidade dos habitantes e, de forma mais notória, na do personagem Antonio Proaño. Como bem aponta Figueiredo, a “identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida, se depreende daí a importância do reconhecimento nessa construção” (FIGUEIREDO, 2005, p. 190-191). Ainda segundo Taylor, “minha própria identidade depende vitalmente de minhas relações dialógicas com os outros” (TAYLOR, citado em FIGUEIREDO, 2005, p. 191). Constantemente os traços identitários de Bolívar Proaño sofrem algum tipo de alteração em decorrência de sua interação com os diferentes ambientes presentes na narrativa de Sepúlveda.

Após sair do povoado de El Idilio e ter contato com os índios Shuar, o personagem “abandonou seus pudores de camponês católico (...). Antonio José Bolívar Proaño nunca pensou na palavra liberdade, e a desfrutava a seu modo na selva”¹⁵ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 44). Como é possível perceber, Antonio José abandona o seu sentimento negativo em relação aquele ambiente selvático e agora usufrui de um sentimento positivo de liberdade. Ao sofrer o processo de interação com o povo Shuar, o personagem passa a agir segundo os costumes dos indígenas e identifica-se com eles, isso porque, conforme Figueiredo, “nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (FIGUEIREDO, 2005, p. 91).

O espaço amazônico leva Antonio Proaño a interagir com o espaço dos ribeirinhos, espaço que também é frequentado por estrangeiros e índios. Vale ressaltar que o acesso ao espaço em que os colonos habitam acontece por meio do rio, importante fonte de transporte no contexto amazônico. Após descumprir um dos princípios dos Shuar, o personagem teve que voltar ao povoado El Idilio, como é descrito nesse momento de despedida: “Sem deixar de chorar, lhe entregaram a melhor canoa. Sem deixar de chorar lhe abraçaram (...). Os Shuar

¹⁵ “(...) abandonó sus pudores de camponês católico (...). Antonio José Bolívar Proaño nunca pensó en la palabra libertad, y la disfrutaba a su antojo en la selva.”



empurraram a canoa em seguida apagaram seus rastros da praia. (...). Depois de cinco dias de navegação, chegou a El Idilio"¹⁶ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 58-59). Ao voltar para o povoado ribeirinho, Antonio Proaño passou a ser visto como estranho, pois os seus costumes adquiridos com os índios predominavam. Mesmo sendo um colono, o protagonista é visto como estranho por esses habitantes "andava seminu e evitava o contato com os novos colonos que o olhavam como um demente"¹⁷ (p. 44).

Para abordar o tema da transição do personagem, podemos explorar o conceito de heterotopia de Foucault. O espaço heterotópico "tem o poder de justapor, em um só lugar real, vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis" (FOUCAULT, 2013, p. 118), ou, como bem salienta o texto de Gama-Khalil, heterotopias são "espaços justapostos e ao mesmo tempo dispersos, que unem o próximo do distante, o contínuo do descontínuo" (GAMA-KHALIL, 2010, p. 225). Dessa forma, heterotopia descreve o espaço que reúne múltiplas relações e que possui como um de seus princípios ser um local distante da sociedade e que possui regras de entrada e saída.

Observamos que em *Un viejo que leía novelas de amor* a Amazônia é apresentada como um espaço heterotópico, isto é, um espaço múltiplo em relações e significações, o que aponta para a desordem dos espaços reais. Sua heterotopia é reforçada por sua constituição multicultural. A multiculturalidade que caracteriza a Amazônia se dá por processos históricos e espaciais, uma vez que, como aponta Pizarro, "as atuais pesquisas revelam que a Amazônia não é apenas indígena, que os sujeitos sociais são múltiplos e que seu imaginário revela a turbulenta história da área" (PIZARRO, 2012, p. 27-28).

É por esse espaço real e múltiplo que abarca outros espaços simbólicos que o personagem Antonio Proaño transita. O trânsito do personagem se dá entre os três espaços simbólicos já citados: a Amazônia dos índios, a Amazônia dos ribeirinhos e a Amazônia Veneza ou ficcional. Reforçando essa ideia, tomemos o conceito de entre-lugar de Silviano Santiago. Em sua obra *Uma literatura nos trópicos*, publicada em 1978, Santiago expõe questões sobre o pensamento do período colonial na América Latina:

A América transforma-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se

¹⁶ "Sin dejar de llorar, le entregaron la mejor canoa. Sin dejar de llorar lo abrazaron (...). Los shuar empujaron la canoa y enseguida borraron sus huellas de la playa. (...). Luego de cinco días de navegación, arribó a El Idilio."

¹⁷ "Andaba semidesnudo y evitaba el contacto con los nuevos colonos que lo miraban como a un demente."



encontraria na cópia do modelo original, mas em sua *origem*, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como única regra válida de civilização. (SANTIAGO, 2000, p. 14, ênfase no original)

Silviano Santiago nos mostra que ao ter contato com os colonizadores, os colonizados passam a ser vistos como uma duplicação que tem como base o original europeu, e dessa forma os colonizadores transformavam a América em um simulacro de sua origem. A América, assim, ocupa o chamado entre-lugar, aquele lugar intermediário que reúne os traços originários dos colonizados e os traços adquiridos por meio dos colonizadores. A originalidade dos latino-americanos, portanto, resiste ao processo de dominação e encontra nesse espaço intervalar sua constituição identitária.

É nesse entre-lugar que o personagem Antonio Proaño se encontra, já que diante dos três espaços citados, o personagem não pertence a nenhum deles, mas permanece na fronteira e em um processo de deslocamento e constituição identitária. Esse processo é o que configura o personagem como aquele que congrega um pouco de cada um deles. Sepúlveda retrata Antonio Proaño como sempre estando no meio, na fronteira dos espaços, pois o personagem não adquire a identidade própria de um lugar, mas sim traços que reúne a partir do processo de deslocamento. Ao estar em um dos espaços, Antonio, ao mesmo tempo rejeita o espaço anterior bem como demonstra costumes adquiridos em tal espaço, ou seja, o personagem não pertence integralmente a nenhum deles. Essa fusão de identidades causadas pela permanência no entre-lugar pode ser demonstrada durante a caça de Antonio Proaño ao animal que ameaçava o povoado. Ao atirar no animal o personagem “escutou a si mesmo gritando com uma voz desconhecida, sem ter certeza se o fez em shuar ou castelhano, a viu correr pela praia como uma flecha pintada”¹⁸ (SEPÚLVEDA, 2000, p. 135). Na passagem é possível perceber que o personagem não foi capaz de precisar se havia gritado em sua língua nativa ou em shuar, língua que adquiriu com os índios, mostrando, dessa forma, a presença da mistura dos elementos de cada espaço simbólico que fazem parte da construção de sua identidade.

¹⁸ “Se escuchó gritando con una voz desconocida, y sin estar seguro de haberlo hecho en shuar o en castellano, la vio correr por la playa como una saeta moteada.”



CONCLUSÃO

Diante do apresentado, notamos que a Amazônia constitui-se como um espaço social que dispõe de uma pluralidade de culturas, ao ter diversos grupos que a compõem, sejam eles fixos ou não, tornando-se assim, tema ideal para a narrativa de Luís Sepúlveda. Os três espaços simbólicos apresentados – a Amazônia dos índios que mostra a relação do personagem com os índios Shuar e como tal interação com eles influenciou sua visão de selva; a Amazônia dos ribeirinhos que nos mostra como se dava a interação de Antonio Proaño com aquele povoado visto inicialmente como os mais próximos dele; e a Amazônia Veneza, espaço representado pelas ficções lidas pelo personagem que se destaca por ser um espaço de fuga de Antonio daquele ambiente selvagem ao qual estava cercado, considerado assim, um espaço utópico – em interação compõe a Amazônia representada em sua complexidade na obra.

É por meio desses diferentes espaços destacados no romance, que o autor nos mostra o deslocamento do personagem Antonio Proaño e o processo de construção da identidade/alteridade do personagem nos diferentes espaços. Assim, observamos que a selva amazônica e a ficção apresentada por meio dos romances lidos por Antonio Proaño são vistos como espaços simbólicos na obra, já que reúnem significações que compõem a identidade do personagem. A representação do personagem no entre-lugar é um fator importante, pois aponta para a constituição da identidade latino-americana que se forma a partir dos processos de deslocamento.

Observamos que assim é retratado o espaço amazônico por Sepúlveda: um lugar distante da civilização e com uma peculiar miscigenação, resultado de trânsitos e deslocamentos históricos. Na obra, podemos conhecer o resultado dos trânsitos culturais que é característico da região amazônica e a composição identitária de suas comunidades através do processo vivido pelo protagonista. A selva amazônica ora é vista como espaço de identificação ora como de rejeição pelo personagem, e os romances lidos por ele são vistos como espaço de evasão, ou seja, como um espaço de fuga em relação ao mundo selvagem que está a sua volta, estabelecendo o contraste entre a civilização e a barbárie.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.



FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. Identidade nacional e identidade cultural. In: FIGUEIREDO, E. (Org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 189-205.

FOUCAULT, M. De espaços outros. *Revista Estudos avançados*, v. 79, n. 27, São Paulo, 2013, p. 113-122.

GAMA-KHALIL, M. M. G. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 28, São Paulo, 2010, p. 213-236.

LA CONDAMINE, C. M. de. *Viagem na América meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros).

LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Tradução de Doralice Barros e Sérgio Martins. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf. Acesso em: 25 jun. 2019.

PIZARRO, A. *Amazônia: as vozes do rio*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

_____. *O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

RITZEL, L. M. de S. *Pós-colonialismo na literatura sobre a Amazônia: uma análise da obra Um velho que lia romances de amor, de Luis Sepúlveda*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários). Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SEPÚLVEDA, L. *Un viejo que leía novelas de amor*. Barcelona: Tusquets, 2000.

